

O DISCURSO DA CRISE AMBIENTAL NAS LETRAS DE ROCK AND ROLL¹Virgínia Tavares Vieira²Paula Corrêa Henning³Clarissa Corrêa Henning⁴

Resumo: O presente estudo tem como pretensão problematizar o discurso da crise ambiental, por meio do *rock and roll*, para pensarmos na trama discursiva que vem compondo o campo da Educação Ambiental. Para isso, selecionamos como metodologia algumas ferramentas da análise do discurso, a partir de Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso e enunciado. Com o material posto em análise a pesquisa apontou para um enunciado potente que vêm auxiliando na constituição do discurso da crise ambiental, o qual intitulamos de antropocentrismo. Sendo assim, entendemos que tal artefato cultural se torna potente para pensarmos a crise ambiental, pois diante dos significados travados pela cultura, engendramos nossos modos de vida, bem como estabelecemos relações com o mundo em que vivemos.

Palavras-chave: Crise ambiental, *Rock and Roll*, Cultura.

¹ Esta pesquisa contou com financiamento do Programa Observatório da Educação CAPES/INEP.

² Graduada em música pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande e Doutoranda em Educação Ambiental pela mesma Universidade. Participante do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação. E-mail: vi_violao@yahoo.com.br

³ Pedagoga; Mestre (UFPel) e Doutora (Unisinos) em Educação. Professora do Instituto de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande/RS. Coordenadora do projeto de pesquisa Educação Ambiental e Mídias: problematizando discursos contemporâneos, financiado pelo programa Observatório da Educação/CAPES. E-mail: paula.henning@ig.com.br

⁴ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Feevale/RS. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: clarissahenning@yahoo.com.br

Introdução

Damos significados às coisas através da forma como as representamos, e esses significados estão sendo constantemente produzidos em diversos lugares e práticas sociais. [...] é notável a produção de significados em tão grande escala e velocidade nos dias de hoje, visto que os modernos meios de massa têm capacidade de produzir e difundir significados globalmente, alterando de forma crucial os relacionamentos já estabelecidos entre espaço-tempo. A representação cultural é uma das formas mais eficazes de instituição de significados [...] (Kindel, 2003, p. 225).

Iniciamos o presente estudo, com esta provocação feita por Eunice Kindel: que possamos colocar em suspenso as muitas verdades que nos atravessam, apreendendo a importância da cultura na produção de significados. Com a pretensão de tecer relações entre o campo de saber da Educação Ambiental (EA) e o da Música, atravessada por questões sociais, políticas, culturais e ambientais, a pesquisa tem como propósito apontar a importância dessa arte para pensarmos na trama discursiva que vem compondo o campo da EA. Nesse sentido, vimos a música como um espaço de saber importante para discorrermos sobre as inúmeras formas de se constituir o mundo e estabelecer relações com este, entendendo que a arte também produz e reproduz discursos e verdades, as quais nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos deste tempo. Acreditamos que a música é uma das diversas formas de produzir conhecimento, pois, como diz o historiador Geraldo Vinci (2010, s/p), “para entender a música e os diferentes gêneros musicais, é preciso entender a sociedade na qual ela está inserida, assim como para entender uma sociedade, é preciso, entre outros fatores, entender a “música” que nela se insere”. [grifo do autor].

Seguindo nesta correnteza, entedemos que tal gênero musical, torna-se um importante instrumento na produção de modos de ser e viver em tempos contemporâneos, entendendo que o mesmo vêm (re)produzindo discursos e verdades acerca das problemáticas ambientais e, dessa forma, auxiliando a forma como vimos olhando para a crise ambiental. Problematizar, provocar o pensamento – está é a proposta assumida neste estudo.

A análise do discurso em Michel Foucault: caminhos metodológicos

Para melhor expressar nossas intenções nesta pesquisa, buscamos olhar para o discurso da crise ambiental a partir do *rock and roll*, gênero este que é capaz de nos possibilitar entender como a arte, como a música, em um contexto mundial, atravessamos com enunciações e enunciados que compõem e sustentam o discurso da crise ambiental. Afinal, para que uma prática discursiva possa ser amparada, esta precisa

estar entrelaçada e apoiada em uma rede mais complexa de saberes, para assim entrarem na ordem do discurso. Para que um discurso entre na ordem do dito e do visível, este precisa estar sustentado por “um conjunto de enunciados que se apóiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 135).

A partir das análises das letras, a pesquisa apontou para um enunciado potente, o qual intitulamos de “antropocentrismo”. Tratam-se de enunciações que descrevem o homem como o principal destruidor do mundo em que vivemos, apoiando, assim, o discurso da crise ambiental. Enfim, para que se possa compreender tal discurso, aqui especificamente estudado a partir das letras de *rock and roll*, precisa-se investigar que conjunto de enunciações, de enunciados, bem como que outros discursos se apóiam e se entrelaçam no discurso da crise ambiental. Dito isso, ressaltamos as questões que movem a pesquisa: que enunciações de natureza, meio ambiente, homem, devastação ambiental, desastres naturais, futuro do planeta estão presentes nas letras de *rock and roll*? Que verdades o *rock and roll* vem inventando e produzindo a respeito da crise ambiental? Que enunciações o *rock* coloca em evidência acerca da crise ambiental? Enfim, de que forma esse gênero musical contribui para pensarmos, olharmos e agirmos de forma “ecologicamente correta”?

Com base nesses aspectos, procuramos mostrar o quanto o discurso da crise ambiental está presente em diferentes letras de bandas de *rock* e que esse artefato cultural se torna potente para pensarmos a atualidade, os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que vivenciamos neste século XXI. Conforme argumenta Maria Lúcia Wortmanm (2010, p. 13), “aprendemos a ver o mundo a partir da cultura e de que se estabelecem na cultura as formas de compreensão e de interpretação do mundo”.

Diante das balizas preliminares apresentadas, recortamos a pesquisa na temática Música, Sociedade e EA, principalmente a partir da década de 1990 do século XX. O motivo: nesse período, o discurso da crise ambiental tornou-se mais evidente e nos fez olhar com maior atenção para o futuro da vida na Terra.

Para realizar este estudo, selecionamos como metodologia da pesquisa algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault. Neste momento, interessa-nos operar com o conceito de discurso e enunciado para que se possa colocar em suspenso algumas verdades tidas como já sabidas sobre a crise ambiental. Gostaríamos de ressaltar que nossa proposta não se vincula a analisar as bandas, ou seja, os autores e compositores de tais obras. Dessa forma, como nos diz Foucault (2012, p. 59), “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso”. Sendo assim, não buscaremos

desvendar o que está oculto no discurso, nem mesmo o que está nas entrelinhas. Por essa razão, interessa-nos o dito, somente o dito; tomando o discurso em sua exterioridade, como ensina o filósofo francês. Na proposta de análise feita pelo autor, é preciso entender o discurso tal qual se pode ouvi-lo, tal qual podemos lê-lo. Para Sampaio (2012, p. 87), essa seria a “novidade de tomar o discurso em sua exterioridade, já que não se trata de ir até um núcleo secreto e interior do próprio discurso, mas de partir do próprio discurso”. Sendo assim, é no dito e no visível, aqui especificamente a partir das letras de *rock and roll*, que pretendemos investigar que verdades estão sendo fabricadas sobre a crise ambiental, que verdades nos atravessam e nos remetem a assumirmos formas ideais de ser, de pensar e agir. Assim, queremos ressaltar sobre “a verdade” desta época, diante de uma crise social e ambiental na contemporaneidade. Vale referir que, no referencial teórico escolhido, entendemos a verdade como uma fabricação, como um jogo de forças que coloca alguns ditos no verdadeiro e outros fora de uma ordem do discurso instaurada em determinados tempos sociais, políticos, culturais, ambientais.

Nesse contexto, entendemos o discurso como esse conjunto de coisas ditas em um determinado tempo e lugar, que, ao ser colocado em funcionamento, produz saberes e verdades em nossas vidas. Ao discorrer sobre o discurso, Foucault diz que

Eu parto do discurso tal qual ele é! Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante; tenta-se encontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante – um pensamento em via de se fazer. O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. (2012, p. 253).

Assim, o que pretendemos fazer é mostrar o que está dito em algumas letras de *rock* na atualidade; é pontuar e compreender o quanto o momento histórico em que vivemos se torna a cada dia mais visível em diferentes artefatos culturais que nos fazem ver, olhar e pensar com potência no futuro da vida no planeta. Como argumenta Wortmann (2010, p. 14), precisamos dar destaque “às práticas ambientais contemporâneas a partir da atribuição de centralidade a cultura”.

Para que uma prática discursiva possa entrar em operação, esta necessariamente, obedece a certas regras que a tornam evidente, que a tornam visível. As regras de formação de um discurso devem estar associadas e sustentadas por enunciações, enunciados e outros discursos, bem como por outros conceitos. Nesse sentido, podemos dizer que o discurso da crise ambiental não opera sozinho, ou seja, este precisa estar

apoiado e sustentado por outros discursos, enunciações e enunciados. Na busca por essas questões, este estudo foi se constituindo⁵.

Desse modo, o que vimos fazendo é delimitar a emergência de tais enunciados no atual momento histórico, social e cultural que vivemos, os quais, diante disso, vão constituindo o nosso olhar sobre o mundo e, principalmente, a forma como olhamos para a crise ambiental. Destacamos a importância de olharmos para a música, de olharmos para o gênero musical *rock and roll* como uma ferramenta potente nos dias atuais para pensarmos a crise ambiental. Ressaltamos, ainda, a importância de voltarmos nosso olhar para tal estilo musical, que é capaz de suscitar discussões no campo da EA. Enfim, o que queremos evidenciar é que o *rock* vem produzindo enunciações que entram na ordem do discurso tido como verdadeiro em nossa sociedade, diante de uma crise ambiental; que o *rock* é capaz de auxiliar na modulação de nossa forma de olhar, de nos ensinar modos ecológicos de ser, estar e pensar na contemporaneidade.

Há que balançar, colocar em suspenso e problematizar as práticas e verdades que moldam nossas vidas. O *rock*, neste estudo, torna-se uma ferramenta potente para provocarmos o pensamento. Afinal, o *rock and roll* representa significativamente uma importância social, política e cultural da música, essa arte que tanto nos toca, emociona-nos, atravessa-nos e faz pensar e olhar para mundo de determinadas formas. Com esse propósito é que “inventamos”, como nos ensinou Foucault (2012), um enunciado que foi visualizado nas enunciações das letras de *rock* colocadas sob análise.

Algumas enunciações em exame

Nos últimos tempos, principalmente a partir da década de 1990 do século passado, deparamo-nos com uma questão que se tornou pauta nos mais diferentes meios de comunicação: o futuro do planeta e da vida na Terra. Neste estudo, tratamos a crise ambiental como um discurso potente na atualidade, que, a cada dia, com maior força, toma conta de nossas vidas. Muitos estudos vêm sendo realizados nas mais diferentes áreas do saber, com a finalidade de compreender o momento social, cultural e ambiental que nos deparamos neste início de século. Aqui, o discurso da crise ambiental, estudado a partir da arte, pretende visualizar a forma como a música, por meio do *rock and roll*, atravessa-nos e nos faz pensar o atual momento de crise social e ambiental.

⁵ Vale referir que este estudo é fruto de um trabalho de pesquisa mais amplo. Nesse texto dedicamo-nos a apresentar um dos enunciados que compõem a formação discursiva da crise ambiental hoje.

Com o material selecionado para responder as referidas indagações desta pesquisa, o estudo aponta para as artes como um campo potente na produção de conhecimento, ao tratar de um tema tão importante na contemporaneidade. De forma geral, os artefatos culturais tornaram-se fortes ferramentas para pensarmos nos problemas ambientais que atingem nossa sociedade. Diferentes enunciações circulam nos mais variados meios de comunicação, chamando a atenção da população para pensar e participar de uma campanha mundial em prol do planeta. A crise ambiental tornou-se pauta no nosso dia a dia. Ao ligar a televisão, presenciamos, por meio de propagandas, o que devemos fazer para cuidar da natureza. Nos jornais, lemos e assistimos sobre os desastres ambientais, como terremotos, enchentes, *tsunamis*, queimadas nas florestas – alerta para o aquecimento global! Na internet, circulam inúmeras campanhas mundiais, as quais nos convidam a fazer a nossa parte para salvar o planeta. Enfim, de uma forma ou de outra, por meio da mídia, questões referentes aos problemas ambientais invadem nossas casas e nos fazem pensar na crise ambiental e no futuro de nossa existência na Terra.

Como já anunciado, nossa proposta é dar visibilidade a partir de algumas letras de *rock*, de diferentes localidades, enunciações recorrentes que tratam de problemáticas ambientais. O material posto em suspenso fez emergir um enunciado potente que sustenta o discurso da crise ambiental, o qual intitulamos “Antropocentrismo”, no qual o homem aparece como o centro de todos os nossos problemas e também como o principal destruidor do planeta. Enunciações com chamadas fortes, apontam o homem como um ser “explorador, como um destruidor de vidas que só pensa em lucrar” (Verde, banda Cólera, Brasil).

A questão ambiental é fortemente tratada nas letras de *rock* selecionadas. Após serem estudadas e agrupadas, estas nos fazem ver e entender a EA de uma forma reducionista. A separação entre mundo natural e mundo humano aparece com potência no material colocado em suspenso, ou seja, não há uma interação entre esses ambientes – a vida humana está longe de ser percebida como parte integradora da natureza. Para Isabel Carvalho (2008, p. 38) “a consequência de uma visão predominantemente naturalista-conservacionista é a redução do meio ambiente a apenas uma de suas dimensões, desprezando a riqueza da permanente interação entre a natureza e a cultura humana”. Para autora, superar a marca de uma visão naturalista e preservacionista de natureza demanda, principalmente, que ultrapassemos a ideia de que o homem não faz parte da natureza. Restringir o mundo natural a apenas o que é “verde”, ou a rios, mares,

florestas e montanhas, não seria a solução para a problemática ambiental. No entanto, se entendermos a importância de uma interação entre cultura e sociedade e apreendermos que o meio ambiente é um espaço de relação entre homem e natureza, possivelmente, assim, poder-se-ia enriquecer a convivência entre ambos (O homem e a natureza). Tal perspectiva está alicerçada no que a autora chama de visão socioambiental. Para que pudéssemos ultrapassar esse dualismo, entre homem e natureza, precisaríamos olhar para o mundo e, principalmente, para a relação que estabelecemos com nosso ambiente natural sob uma nova perspectiva. Assim, Carvalho nos ensina:

Nossas ideias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem (2011, p. 33).

Seguindo nesse mesmo contexto, como relata a autora, podemos dizer que não existe uma única forma de ver, pensar e discorrer sobre o mundo. Nossos conceitos não abrangem uma totalidade do que convencionamos chamar de “verdade”. Contudo, o que observamos nas enunciações colocadas sob exame é a propagação de uma única visão – o homem como culpado, alertando que nossas atitudes podem levar ao fim da vida na Terra. Nesse contexto, diante de uma perspectiva foucaultiana, entendemos que tal enunciado nos auxilia a olhar para o mundo de uma forma reducionista, ao fazer essa separação entre os mundos (natural e humano). Também nos faz pensar no homem como principal culpado por estarmos diante de uma crise ambiental.

Buscando evidenciar o enunciado, apresentamos abaixo algumas enunciações do *corpus* analítico:

Onde haviam riachos limpos hoje só vemos estrumes humanos. O chão que era coberto por folhas secas, hoje está encoberto pelo concreto. O homem já criou cérebros e bombas e esqueceu do verde. O homem não pensa muito na hora de explorar, por mais que destrua vidas, só pensa em lucrar. Sua vida, minha vida, nossas vidas dependem do verde. Dependem do verde já! (Verde – banda Cólera, Brasil).

[...] O erro do homem é gananciar, o que não se vende ele sempre quer comprar [...] Animais não fazem guerras, animais não destroem selvas, animais não constroem bombas, animais não poluem o ar. Animais não pertencem a ninguém, animais não matam por prazer. Animais pode ser você (Presídio Zoo – banda Cólera, Brasil).

Tratores derrubando a Amazônia, cama de ozônio ferida sangrando. Matança, egoísmo em massa. É uma emergência!!! A Terra, um lugar pra morar. Tem muita mata, muita chuva e tem ar. Espera só para ver os leões, as aves, os peixes e os imensos vulcões. Bicho gente está doente, mata o mundo, mata a gente. Parem as guerras. Deixe a Terra em paz! Salve a Terra já! Já! Salve a Terra já! (Deixe a Terra em paz – banda Cólera, Brasil).

Os trechos apresentados dão visibilidade ao mostrar essa dicotomia entre homem e natureza, marca de uma visão naturalista dentro do campo da EA. Segundo Isabel Carvalho (2011, p. 37), a “EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista”. Tal perspectiva se apóia na percepção de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano, social e cultural. Seguindo tal linha de pensamento – que é ainda mais reforçada por programas de televisão, como documentários, desenhos animados e outros artefatos culturais –, pensamos que, diante disso, vamos aprendendo a tecer relações com o meio em que vivemos e aceitando a ideia de que natureza se resume à flora e à fauna.

O primeiro excerto pontua a evolução do homem: quando este cria o concreto, inventa cérebros, cria bombas, mas esquece do verde. A letra evidencia que, diante da grande necessidade de exploração e desejo de consumo, o homem vai modificando a paisagem natural na eterna busca pelo lucro, pelo capital. Observamos que enunciações como essas colocam em destaque que é pela mão do homem que o planeta está sendo devastado. No segundo trecho apresentado, o homem é posto como um ser ganancioso que quer dominar o mundo – o seu principal erro. Ao mesmo tempo, as enunciações fazem uma comparação entre homens e animais, ao enunciarem uma dissonante forma de estar no mundo. Ou seja, o homem polui o ar, os rios, devasta as florestas, faz guerras e mata por prazer. Enfim, destrói o mundo pelo seu bel-prazer. Já no terceiro excerto, identificamos uma mesma linha de pensamento. São as máquinas que destroem o mundo: os “tratores derrubando a Amazônia”, queimando a floresta e intensificando, assim, o aquecimento global – a Terra pede socorro! São as invenções do homem que devastam o planeta. O egoísmo e as aspirações ambiciosas fizeram com que se instalasse uma crise ambiental. “É uma emergência!” “Salve a Terra já!” (Deixe a Terra em paz, banda Cólera, Brasil). Cabe registrar, mediante as enunciações acima apresentadas, que ambas as letras posicionam o homem como o grande causador dessa crise ambiental, ou seja, apresentam uma visão antropocêntrica. Além disso, as letras demarcam um pensamento naturalista e romântico, bem como preservacionista, sobre uma natureza intocada, uma natureza “verde” que deve ser protegida e que, acima de tudo, o homem aparece como um ser não pertencente a esse espaço natural. Segundo Carvalho (2011), embora a visão naturalista/preservacionista esteja ainda fortemente instalada em nosso ideário ambiental, esta não seria a única maneira de pensá-la. Sendo assim, dentro de uma concepção “naturalizada” de natureza, tende-se a reduzir o mundo

a um espaço estritamente natural, biológico, ou seja, sem interação com a cultura e o social.

Tais enunciações têm sido recorrentes em algumas letras de *rock and roll*, o que justifica e sustenta a “invenção” do enunciado em questão. Reforçamos que é a partir dos enunciados que vamos olhando para o mundo, para a crise ambiental, de uma forma e não de outra. Nas palavras de Veiga-Neto (2007, p.101), “são os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade, num tempo e espaço determinado, isso é, que estabelecem um regime de verdade”. Diante disso, questionamos: como contrapor esses ditos verdadeiros? De que forma somos convocados a pensar e olhar para a crise ambiental que se instala na atualidade? Nesse contexto, ao dar visibilidade a alguns ditos referentes à crise ambiental presentes no *rock and roll*, nossa proposta pretende provocar o pensamento quanto à forma que muitas vezes somos interpelados por essas verdades. Gostaríamos que pudéssemos entender a EA como uma educação política, questionando tais ditos e, principalmente, entendendo que não existe uma única forma de ser e estar no mundo. No entanto, destacamos mais uma vez sobre a importância da cultura, pois esta contribui para a constituição de uma trama de significações, na qual aprendemos a estabelecer relações com nosso ambiente natural. Corroborando essa afirmação, Guimarães nos diz que

[...] a cultura, através das práticas derivadas dos inúmeros artefatos (os filmes, os vídeos educativos, as revistas, as histórias em quadrinhos, os livros didáticos, os romances, as novelas televisivas, os documentários históricos, os relatos de viagem, entre inúmeros outros) produzidos em diferentes instâncias de produção cultural, é o *locus* central das disputas e negociações de significados dados a natureza e, também, às possíveis formas de estabelecermos relações com a mesma (2008, p. 241).

Portanto, pensamos que enunciações, como as que aqui estão sendo apresentadas, entram na ordem do dito, do visível, bem como na ordem do discurso verdadeiro. Conforme salienta o autor acima, é necessário levar em consideração as práticas e relações que estabelecemos com o mundo, aqui se tratando especificamente da relação homem e natureza, a partir das disputas e negociações que são travadas na e pela cultura. Nesse movimento, vimos o *rock and roll* como um artefato cultural potente que também vem (re)produzindo significados na sociedade, ao tratar dessa dicotomia entre mundo natural e humano; ao responsabilizar e afirmar com tanta veemência a culpa do homem por tamanha degradação ambiental. Diariamente, somos interpelados a pensar nas problemáticas ambientais instaladas em nossas vidas e a internalizar um sentimento de culpa diante dos modos de vida consumista e da forma que interagimos com o mundo natural e social. Seguindo na correnteza de autores como Isabel Carvalho

(2011) e Félix Guattari (2008), pensamos que essa não é a única maneira de ver o mundo e de estabelecer relações com este. O período de intensas transformações vividas pela humanidade, o modelo de vida que se instala na modernidade e as relações de afetividade que estabelecemos uns com os outros conduzem-nos à mais pobre incapacidade de responder à crise ambiental. Como nos diz Guattari (2008), para que haja uma verdadeira resposta à crise ambiental, é necessário colocarmos em suspenso as verdades que nos fazem olhar para o mundo, entendendo que não só as relações de força visíveis constituem a “verdade deste mundo”. Sendo assim,

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática ambiental no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente uma perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (GUATTARI, 2008, p. 8) [grifo do autor].

Para o autor, a questão será a maneira de viver daqui em diante, em um mundo em constantes transformações. Assim, precisaremos reinventar novas formas de estabelecer relações enquanto seres sociais, ambientais e de subjetividade humana. Esta seria a articulação ético-política que o autor denominou de “ecosofia” – as balizas que teremos de atravessar para compor novas ações dentre os três registros ecológicos.

Nos excertos abaixo, apresentamos enunciações que nos mostram como outras letras⁶ de *rock*, de diferentes lugares, fazem-nos pensar a crise ambiental:

Humanidade [...] Você vendeu sua alma para alimentar sua vaidade, suas fantasias e suas mentiras [...] Existe um preço a pagar por todos os jogos egocêntricos que você criou [...] Você assinou e selou isso. E agora tem que lidar com isso. O mundo que você criou acabou [...] Humanidade. (Humanidade – banda Scorpions, Alemanha).

[...] A indulgência em nossas vidas lançou uma sombra em nosso mundo, nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Não pode existir outra razão, você sabe que deveríamos ter previsto [...] Geleiras derretem conforme nós poluímos o céu [...] Podemos nos arrepender a tempo? [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos [...] Nosso apetite maníaco infinito nos deixou com outro modo de morrer [...] Avareza e fome nos levaram a nossa morte, um caminho que eu não consigo acreditar que seguimos [...] É apenas outro modo de morrer [...] (Outro modo de morrer – banda Disturbed, Chicago, EUA).

A metade sul está queimando conforme nós subimos através do céu. Aves marinhas suavemente caindo, fumaça subindo alto. Existem os contornos das montanhas, dos desertos e das planícies e um furacão está soprando. Agora existem manchas de óleo nas águas que Colombo um dia navegou [...] Sedimento está correndo do rio para o mar. Agora onde estão as poderosas nações? Um manchado sobre a Terra partida, o suspiro das árvores. E sua oscilação no éter, isso me põe de joelhos. (Terra e sol e lua – banda Midnight Oil, Austrália).

⁶ Todas as letras foram traduzidas por Carolina Ferreira Gomes, tradutora da língua inglesa.

Existem homens demais, pessoas demais, fazendo problemas demais [...] Esse é o mundo em que vivemos e essas são as mãos que nos são dadas. Use-as e vamos começar a tentar fazer esse lugar digno de morar. Oh, super-homem, onde está você agora? Quando tudo deu errado de alguma forma? Os homens de ferro, aqueles homens de poder estão perdendo o controle a cada hora. (Terra da confusão – banda Genesis, Inglaterra).

Mediante tais enunciações, somos interpelados a refletir, ver e discorrer sobre a crise ambiental. Aquecimento global, geleiras derretendo, águas poluídas, furacões, vulcões, os modos consumistas, o nosso apego sórdido ao dinheiro. Enfim, essa é a “Humanidade”, a “Terra e sol e lua”, a “Terra da confusão”, ou seria apenas “Outro modo de morrer” provocado pela mão do homem? São chamamentos potentes como esses que nos posicionam como os principais culpados e responsáveis pela degradação de nosso planeta. Artefatos culturais, como o *rock and roll*, dão visibilidade a uma linha de pensamento antropocêntrica. Ao mesmo tempo, ensinam o que é natureza, meio ambiente, bem como explicam a forma com que o homem se relaciona com o mundo natural. Ao colocar em suspenso tais ditos, este estudo não pretende eximir responsabilidades diante dos nossos modos de ser, viver e estar no mundo. Ou seja, ao evidenciar tal enunciado, não significa dizer que não saibamos das consequências ambientais a partir das ações humanas, mas ressaltar que estas não seriam as únicas responsáveis por toda degradação ambiental experienciada por nós habitantes do século XXI. As análises aqui apresentadas anseiam, sim, problematizar o entendimento do que é natureza, meio ambiente e como se produz tal concepção. Percebemos que tais enunciações são emblemáticas para pensarmos o quanto o *rock and roll* é capaz de nos interpelar e nos fazer pensar a crise ambiental. Contudo, a forma como compreendemos a natureza, o meio ambiente e essa dicotomização entre mundo natural e mundo humano perpassa as questões históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais produzidas na e pela cultura. O endereçamento que damos a tais ditos se dá nas amarras do momento histórico e cultural que vivemos.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura (GUIMARÃES, 2008, p.87).

Entendemos que a constituição de um discurso naturalista é uma das condições de possibilidade para emergência do enunciado aqui colocado sob análise, o antropocentrismo. Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de

natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Segundo o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos a história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pela qual a natureza vêm sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante, ora uma natureza selvagem, temida. Foi com o projeto civilizatório, em contraposição ao protótipo medieval, que a natureza passou a ser vista como o período das trevas, do inculto. Os ambientes considerados como “naturais”, ou seja, matas, florestas e montanhas, não condiziam com a ideia de progresso que inaugurava a virada cultural da modernidade. Porém, no século XVIII, com o fenômeno denominado de *novas sensibilidades*, é que a natureza passou a ser vista como boa e bela, quando as paisagens naturais passaram a ser valorizadas e apreciadas pelo homem.

Esse culto à natureza foi ainda mais realçado com o aparecimento do movimento romântico no século XVIII e XIX, que buscava ilustrar o lirismo e o sonho de um cenário devastado pela Revolução Industrial. Diante disso, podemos evidenciar o quanto o ideal que temos de meio ambiente e natureza é construído culturalmente. Na mesma correnteza, Carvalho (2011) ressalta que a forma de existir e conviver no mundo contemporâneo, bem como a relação que tecemos com a natureza e o meio ambiente, perpassa pelo entendimento de uma história de longa duração das relações com a natureza. No século XVIII, por exemplo, em um outro momento histórico, político, social e cultural, a sociedade da época presenciou a chegada da indústria, ou melhor, da primeira Revolução Industrial, uma grande mudança em seu ambiente natural trazida pelo desenvolvimento. Como lembra Carvalho,

No final do século XVIII, a Grã-Bretanha liderava a produção de carvão, alcançando cerca de 10 milhões de toneladas, o equivalente a 90% da produção mundial. O uso crescente do carvão – principal combustível da Revolução Industrial – para fins comerciais e domésticos gerava enorme quantidade de resíduos. O *smog* inglês (mistura de nevoeiro e fumaça) tornou-se a marca registrada das grandes transformações sociais e ambientais desencadeadas pelo modo de produção industrial (2011, p. 98) [grifo da autora].

A experiência vivida naquele período contribuiu significativamente, à época, para uma mudança na forma de olhar para natureza e o meio ambiente. A natureza era vista como o “domínio do selvagem”, como “esteticamente desagradável”. De acordo com essa concepção, o homem deveria dominá-la. A natureza, então, passou a ser

percebida como uma paisagem natural que necessitaria ser intocada. Podemos dizer que o momento social, político, cultural e ambiental vivido no século XVIII, na Inglaterra, pode ter sido uma das condições de possibilidade para a emergência de uma visão naturalista e romântica de natureza, a qual, para Carvalho (2011, p. 97), “permanece presente até nossos dias”.

Diante das letras de *rock* investigadas nesta pesquisa, observamos o quanto está ainda fortemente instaurado em nossa sociedade um ideal de natureza, o qual concebe que esta deve ser preservada e intocada. Talvez uma das possíveis respostas para entendermos tal concepção esteja atrelada à forma como vimos sendo ensinados, mediante a circulação de tais ditos na e pela cultura, a nos relacionarmos com o nosso ambiente natural. A condição de um modelo “ideal” de ser, de estar e de preservar a natureza circula nos mais diferentes artefatos culturais. Entendemos que o *rock* vem nos atravessando com fortes enunciações e enunciados para falarmos da crise ambiental, ao nos fazer pensar o quão potente “a sombra em nosso mundo” pode nos levar a “outro modo de morrer” (Outro modo de morrer, banda Disturbed, EUA). As letras apresentam o homem como um ser desagregador, devido à forma como este interage com uma natureza que deveria ser intocada, preservada, para que, assim, pudéssemos ter no futuro um lugar no mundo onde a natureza seja “verde”.

Diante de ditos como o que investigamos, podemos dizer que somos nterpelados, capturados por tais enunciações, enfim – por essa campanha mundial de salvação do planeta, aqui tratada a partir do *rock and roll*. Ao mesmo tempo em que o homem é o agente causador de tanta devastação, é convidado a fazer a sua parte na busca pela solução dos problemas ambientais. Será que podemos separar a natureza do mundo social, político, econômico e cultural? O que nos move a tomar atitude “ecologicamente correta”? Afinal, de que forma o *rock and roll* nos faz pensar na crise ambiental?

Entender a forma como a música, por meio do *rock and roll*, vem contribuindo para pensarmos a crise ambiental é a questão central desta pesquisa. Neste estudo, nosso objetivo foi mostrar o quanto as letras de *rock* apontam o homem como principal destruidor do planeta, permitindo-nos, assim, construir o enunciado intitulado “antropocentrismo”. Pautadas por uma visão reducionista de EA, as enunciações colocadas em suspenso apresentam-nos uma das formas de olhar para a crise ambiental: o homem como o destruidor da natureza.

Considerações Finais

Com este estudo buscamos provocar, questionar, problematizar a forma, como muitas vezes, vimos sendo constituídos por ditos referentes à crise ambiental que circulam na e pela cultura. (Re)produzindo discursos e instaurando verdades, a música, o *rock and roll*, interpela-nos e convoca-nos a estabelecer novas práticas voltadas para a preservação do planeta, ao colocar em dúvida a continuidade da vida na Terra. Em decorrência disso, nossa proposta é que possamos produzir reflexões e entender a EA como uma educação política, entendendo que não existe uma única forma de olhar para mundo.

Após a presença marcante de enunciações, como as que nesse estudo foram analisadas, percebemos o quanto o *rock and roll* se torna uma estratégia potente para pensarmos nos riscos e perigos que corremos se não mudarmos nossas atitudes em prol do planeta. Com base nas evidências mostradas pela pesquisa, vemos tal arefato cultural como um instrumento importante na (re)produção de discursos, que, de alguma forma, constituem nossos modos de vida, pois “nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 91).

Nesse sentido, gostaríamos que, a partir de nossa pesquisa, pudéssemos olhar para a música como uma área de saber potente, capaz de suscitar novas discussões no campo da Educação Ambiental. Como nos ensinou Guattari, que possamos criar espaços de resistência e problematizar algumas verdades que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos de nosso tempo, pois:

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada. A esse respeito, o caráter transnacional do *rock* é absolutamente significativo: ele desempenha o papel de uma espécie de culto iniciático que confere uma pseudo-identidade cultural a massas consideráveis de jovens, permitindo-lhes constituir um mínimo de Territórios existenciais (2008, p. 14) [grifo do autor].

Dessa forma, nossa pretensão é que este estudo possa desempenhar, mesmo que minimamente, uma espécie de “culto iniciático” para olharmos a Educação Ambiental para além de uma visão naturalista e romântica de natureza. As letras de *rock and roll* fizeram-nos perceber que diferentes artefatos culturais vêm contribuindo para pensarmos no futuro da vida e de nosso planeta, bem como a forma como interagimos com o nosso ambiente. O enunciado que trabalhamos aqui e que sustenta o discurso da crise ambiental pode ser problematizado por cada um de nós, em especial por cada um dos leitores desta pesquisa. Que este estudo possibilite rupturas no pensamento, criando outras formas de dar visibilidade à crise ambiental que experienciamos. Que possamos

criar novas maneiras de ser, viver e sentir o tempo atual, lembrando que somos seres da cultura, inseridos nela e produzidos por ela.

Referências

CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 2ªed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *A arqueologia do saber*. 8ªed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2012.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *A importância da história e da cultura*. Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.

KINDEL, Enice Aita Isaia. *A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...* 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2003.

SAMPAIO, Maíra Vicentini Shaula. *“Uma floresta tocada apenas por homens puros...” Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

VINCI, José Geraldo. *Ciência, Música e Sociedade* 2010. Disponível em: WWW.memoriadamusica.com.br. Acesso em: 10 de out, 2010, 20:43:44.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI, H.; SILVA, P. R. G. (org.) *Contribuições à Educação Ambiental*. II encontro e diálogos com educação ambiental FURG. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010.